

THEOPHILUS V

REUNIÃO 24



1REIS

- **9- Nova aparição divina**
- **Comércio com Hiram**
- **A corveia de construção**
- **O serviço do Templo**

Mais uma vez vemos a inteligência de Salomão quando ele abre um caminho marítimo pelo sul, isso exige manter Edom submetido e em paz

CÂNTICO DOS CÂNTICOS

PRAENOTANDA

Língua original: Hebraico bíblico, de estilo poético e lírico, com imagens próprias do amor humano e da natureza. Títulos: שִׁיר הַשִּׁירִים (*Shir ha-Shirim*): “Cântico dos Cânticos”, expressão hebraica superlativa que indica o cântico por excelência. GREGO – ᾠσμα ᾠσμάτων (*Āisma Asmátōn*): tradução literal do hebraico, usada na Septuaginta. LATIM – **Canticum Canticorum**: São Jerônimo manteve a forma superlativa, sublinhando a excelência singular do livro. **Tipo de livro** (Igreja Católica): Livro sapiencial-poético, pertencente à literatura de sabedoria de Israel. Classificação na Bíblia Hebraica: *Ketuvim* (Escritos), incluído entre os **Cinco Rolos** (*Megillot*), tradicionalmente lido na festa da Páscoa. **Autor segundo a tradição:** Tradicionalmente atribuído a **Salomão**, conforme o título do livro (Ct 1,1), embora a teologia católica reconheça uma composição poética complexa, provavelmente fruto de uma escola sapiencial, com redação final posterior. **Local dos acontecimentos:** Não se prende a um cenário histórico preciso; o pano de fundo é simbólico e idealizado, evocando paisagens de Israel e ambientes cortesãos. **Período narrado:** Não apresenta uma narrativa histórica linear, mas um conjunto de poemas dialogais que celebram o amor. **Período da redação:** Provavelmente entre os séculos **V e III a.C.**, quando a coleção sapiencial de Israel foi sendo consolidada. Sentido teológico segundo a Igreja: Desde os Padres da Igreja, o Cântico dos Cânticos é lido não apenas em sentido literal, como canto do amor esponsal, mas sobretudo em sentido **alegórico e espiritual**, como expressão do amor entre Deus e o seu povo, entre Cristo e a Igreja, e entre Cristo e a alma fiel. Assim, este livro ocupa um lugar singular na Escritura, mostrando que o amor humano, purificado e elevado, pode tornar-se imagem do mistério da comunhão divina.

MEGATEMAS

O Cântico dos Cânticos apresenta, de forma poética e elevada, grandes temas que tocam o coração da experiência humana e da fé. A **sexualidade** aparece não como instinto desordenado, mas como dimensão boa da criação, querida por Deus e integrada no desígnio do amor. Esse horizonte se abre para o **amor** verdadeiro, entendido não como sentimento passageiro, mas como força unitiva que busca a comunhão plena entre o amado e a amada. Tal amor conduz naturalmente ao **comprometimento**, pois no Cântico não há posse egoísta, mas entrega mútua, fidelidade e desejo de pertença recíproca. Por isso, a tradição cristã sempre leu este livro também à luz do **matrimônio**, no qual o amor humano se torna aliança estável e imagem do vínculo entre Cristo e a Igreja. Unido a isso está o tema da **beleza**, que atravessa toda a obra: a beleza do corpo, da natureza e da linguagem poética revela a harmonia da criação quando vivida em consonância com o amor divino. Contudo, o Cântico não ignora os **problemas**: a ausência do amado, a busca angustiada, os desencontros e as feridas mostram que o amor verdadeiro passa por provações e amadurecimento. Assim, o livro ensina que o amor humano, quando purificado e perseverante, torna-se sinal do amor fiel de Deus, capaz de atravessar limites, dificuldades e esperas sem perder sua dignidade e sua esperança.

ESTRUTURA

O Segundo Livro das Crônicas apresenta uma estrutura que acompanha a história do Reino de Judá desde o esplendor inicial até a queda e a esperança de restauração. A Bíblia de Jerusalém divide o livro em três grandes partes: a primeira, “Salomão e a construção do Templo” (2Cr 1–9), corresponde à Pars Prima da Vulgata Clementina – *Historia regni Salomonis*, e descreve o reinado de Salomão, marcado pela sabedoria concedida por Deus, pela prosperidade do reino e sobretudo pela edificação e dedicação do Templo de Jerusalém, centro do culto e da vida religiosa de Israel. A segunda parte, “As primeiras reformas da monarquia” (2Cr 10–27), narra o período que se segue à morte de Salomão, com a divisão do reino e as reformas iniciais realizadas por alguns reis de Judá, buscando restaurar a fidelidade ao Senhor em meio a infidelidades recorrentes. A terceira parte, “As grandes reformas de Ezequias e de Josias” (2Cr 28–36), apresenta os esforços mais profundos de renovação religiosa, conduzidos por esses dois reis, bem como o progressivo declínio que culmina na destruição de Jerusalém e no Exílio. A Vulgata Clementina, por sua vez, agrupa as duas últimas seções em uma única Pars Altera – *Historia caeterorum regum Iuda* (2Cr 10–36), oferecendo uma visão contínua da história dos reis de Judá à luz da fidelidade ou infidelidade ao culto do Templo. Assim, a estrutura de 2 Crônicas revela a leitura teológica do cronista: a prosperidade e a permanência do povo dependem da fidelidade à Aliança e da centralidade do culto ao Senhor em Jerusalém.

PERSONAGENS

No Cântico dos Cânticos, a tradição da Igreja sempre reconheceu três personagens principais que estruturam todo o poema: o **Amado**, a **Amada** e o **Coro**. No hebraico bíblico, o Amado é designado como **דָּוִד (Dôd)**, “o amado”, enquanto a Amada é chamada **רַעְיָה (Ra’yāh)**, “minha amada” ou “companheira”; o Coro aparece como **בָּנוֹת יְרוּשָׁלַיִם (Benôt Yerushalāyim)**, “as filhas de Jerusalém”. A Septuaginta traduz essas figuras como **ὁ ἀγαπητός (ho agapētós)**, **ἡ νύμφη (hē nýmphē)** e **αἱ θυγατέρες Ἱερουσαλήμ**, enquanto a Vulgata fixa as expressões **dilectus**, **sponsa** e **filiae Ierusalem**. Desde os primeiros séculos, os Padres da Igreja compreenderam que esses personagens ultrapassam o nível meramente narrativo ou poético e revelam um profundo sentido espiritual. O **Amado** é interpretado como o próprio **Cristo**, o Verbo eterno e Esposo da Igreja, que toma a iniciativa do amor, chama, busca e se doa; para Orígenes, é o Logos que conduz a alma ao conhecimento de Deus, e para São Bernardo, é o Esposo que se manifesta progressivamente à Igreja. A **Amada** representa, em primeiro lugar, a **Igreja**, nascida da Páscoa de Cristo, e ao mesmo tempo cada **alma fiel**, chamada a responder livremente ao amor do Esposo; nela se expressa o caminho espiritual do desejo, da purificação, da busca e da união, como ensinam São Gregório de Nissa e São Bernardo de Claraval. O **Coro**, formado pelas filhas de Jerusalém, não é personagem secundário, mas figura da comunidade dos fiéis em diversos estágios da fé: testemunhas do diálogo sponsal, elas observam, questionam, aprendem e são convidadas a entrar no mistério da comunhão divina. Assim, a tradição católica lê os personagens do Cântico não como figuras isoladas, mas como ícones da relação viva entre Cristo e a Igreja, entre Cristo e a alma, mostrando que o amor humano, quando iluminado pela graça, torna-se linguagem legítima do amor de Deus para com o seu povo.

EGON TSCHIRCH

Egon Tschirch, artista alemão ligado ao **Expressionismo** e ativo no início do século XX, viveu em um contexto profundamente marcado pela crise cultural e espiritual do pós-Primeira Guerra Mundial. Sua obra dialoga com um mundo ferido, inquieto, em busca de sentido, e é justamente nesse horizonte que se insere **Das Hohenlied Salomos (1923)**, uma interpretação visual do Cântico dos

Cânticos. Diferente das leituras clássicas idealizadas ou decorativas, Tschirch opta por uma linguagem **intensa, simbólica e existencial**: formas estilizadas, cores fortes e contrastes dramáticos não procuram ilustrar literalmente o texto bíblico, mas traduzir sua força interior. O amor cantado por Salomão aparece como experiência total, que envolve corpo, alma e espírito, marcada tanto pelo desejo quanto pela tensão, pela busca quanto pela ausência. Em vez da harmonia serena, Tschirch enfatiza o **pathos** do encontro, revelando um amor que não é superficial nem romântico no sentido banal, mas profundo, exigente e transformador.

Do ponto de vista teológico, a obra dialoga surpreendentemente bem com a **leitura tradicional da Igreja**. Os Padres sempre ensinaram que o Cântico não é apenas poesia erótica, mas expressão simbólica do amor entre **Deus e o seu povo**, entre **Cristo e a Igreja**, e entre **Cristo e a alma**. Tschirch, mesmo falando a linguagem moderna da arte, capta esse dinamismo: o amor como força que desinstala, que chama para fora de si, que exige resposta. As figuras não estão em repouso; parecem sempre em movimento, como a Amada que busca o Amado pelas ruas da cidade. Assim, o Expressionismo de Tschirch acaba se tornando uma linguagem adequada para o Cântico, pois expressa visualmente aquilo que os místicos sempre afirmaram: o amor divino não anestesia, mas fere; não acomoda, mas transforma.

Por fim, essa obra nos ajuda a compreender a **atualidade do Cântico dos Cânticos**. Em um século marcado pela perda de referências e pela banalização da sexualidade e do afeto, Tschirch apresenta o amor como algo sério, quase doloroso, mas profundamente verdadeiro. Seu **Hohenlied** não é escapista: ele afirma que só um amor vivido até as últimas consequências pode salvar o homem do vazio. Assim, a obra de 1923 se torna uma poderosa ponte entre a Palavra antiga da Escritura e as inquietações do homem moderno, recordando que o amor, quando vivido como dom e busca sincera, continua sendo o caminho privilegiado para falar de Deus.

TÍTULO E PRÓLOGO

“Que me beije com beijos de sua boca” - Parece um pouco sensual demais? Então vamos ver o que os padres da Igreja tem a nos dizer sobre essa passagem:

São Gregório de Nissa começa dizendo que a alma anseia pela fonte da vida espiritual, que é a boca de Cristo, o Esposo. Como quem bebe deve colocar sua boca na fonte, a alma, estando sedenta, deseja levar sua boca àquela que derrama vida, dizendo: Que ele me beije com os beijos de sua boca.

São Bernardo de Claraval diz: A boca que beija é a Palavra que assume a natureza humana, e a natureza assumida recebe o beijo. O próprio beijo, constituído por um que dá e outro que recebe, é um por filho, o único mediador entre Deus e o homem, Cristo Jesus. Não é simplesmente a pressão de uma boca sobre outra; é Deus unindo-se ao homem.

PRIMEIRO POEMA

Égua atrelada - comparação clássica na antiga poesia árabe e em Teócrito

Vamos ler juntos Ct 1,12? Vocês se lembram do nardo de algum lugar? Óculos do NT ativar: Jesus é ungido com um caro nardo por Maria de Betânia antes de sua paixão!

Macieira entre as árvores do bosque, é meu amado entre os jovens! Vejam o que São Tomás de Vilanova nos diz: - O que somos nós senão árvores selvagens e infrutíferas, úteis apenas para o fogo? O que é Cristo entre nós senão uma macieira com belos frutos, a árvore da vida no meio de uma floresta seca, cujo fruto maravilhoso traz cura, cuja sombra é a salvação, e cujas folhas são remédio para as nações!

SEGUNDO POEMA

Começamos o segundo poema com a amada que diz: A voz do meu amado! O que seria essa voz do amado? Vamos então ver o que Orígenes de Alexandria nos diz: A Igreja reconhece Cristo por sua voz, que ele enviou adiante pelos profetas, para que ele fosse ouvido mesmo quando invisível. Durante séculos a Noiva só ouviu sua voz, até o momento em que viu o Esposo com seus olhos, vindo e saltando sobre as montanhas.

“Meu amado é meu e eu sou dele” Ct 2,16 comparar com Ex 6,7 “vós sereis meu povo, e eu serei vosso Deus”

TERCEIRO POEMA

Tema: O amado perdido e reencontrado

Procurei o amado de meu coração - Também traduzido como aquele que minha alma ama. Vejam o que diz São Bernardo de Clarval: O amor espiritual, seja dirigido a Deus, a um anjo ou a outra alma, é devida e exclusivamente atribuído à alma. Assim, quando a noiva afirma que sua alma ama o noivo, ela usa uma expressão apropriada, pois isso indica que o noivo é espírito e, por isso, é amado com um amor espiritual ao invés de um amor físico!

QUARTO POEMA

Exultando Salomão

Quem poderia ler para mim Ct 3,6? Pois bem, o que nos diz Santo Ambrósio disso? A noiva se agarra a Cristo e ascende com ele desde o deserto deste mundo. As filhas de Jerusalém se perguntam como uma alma pode se erguer como fumaça que emite um perfume agradável. O aroma é o da oração reverente, que pede não coisas terrenas, mas coisas eternas e invisíveis. O cheiro da mirra e do incenso indica que a alma morreu para o pecado e vive para Deus.

QUINTO POEMA

Descrição da beleza da AMADA, pombas olhos, cabelo rebanho de cabras, dentes rebanho tosquiado, lábios fita vermelha, fala melodiosa, pescoço torre de Davi, seios como filhotes gêmeos de gazela...

O livro fala sobre várias partes do corpo humano não? O que nos diz São Gregório Magno sobre isso? O livro fala de beijos, seios, bochechas e membros. Ao nomear partes do corpo, nos é mostrado como Deus trabalha maravilhosamente conosco, pois Ele usa a linguagem do amor sensual para inflamar nossos corações com amor santo. Ao se abaixar nesta maneira de falar, Ele nos eleva na compreensão. Das palavras deste amor inferior, nos é ensinado qual deveria ser a intensidade de nosso amor por Deus.

O amado diz também que a amada é jardim fechado! O que isso quer dizer? São Cipriano diz que: Se a noiva de Cristo, a Igreja, é um jardim fechado, ela não pode ser acessada por pessoas de fora. Se ela é uma fonte selada, o forasteiro não pode beber do poço de água viva que está dentro, ou seja, não pode ganhar vida ou santificação com ela. E São Pedro Crisólogo diz que Cristo desceu ao ventre da Virgem sem ferir o recinto de seu corpo, e deixou o ventre sem abrir a porta de sua virgindade. Ele cumpriu assim o que é cantado no Cântico dos Cânticos: Minha irmã, minha esposa, é um jardim fechado, uma fonte selada.

SEXTO POEMA

Sonho conturbado

Mais uma vez nos encontramos com a Mirra! “minhas mãos gotejam mirra...” O que nos diz São Gregório de Nissa? Não há ressurreição, a menos que uma morte livremente escolhida venha primeiro. Tal morte é indicada pela mirra que escorre, gotejam das mãos da noiva, o que significa a mortificação voluntária dos prazeres corporais da alma.

SÉTIMO POEMA

Descrição da beleza masculina ideal - Meu amante é branco e rosado... o que significa isso para a patrística? São Bede nos diz: O amado Esposo é radiante (branco) porque não cometeu nenhum pecado e porque nenhuma mentira foi encontrada em sua boca quando ele veio em carne e osso. Ele também é corado porque nos limpou do pecado por seu sangue.

OITAVO POEMA

Aqui o amado nos mostra a beleza do amor e da escolha de apenas uma única esposa.

Quem poderia ler para mim Ct 6,8-10? Já ouviram essa passagem em alguma música? Pois bem, vamos também aqui ver o que o magistério, através de São Francisco de Sales tem a nos dizer! A Virgem Santa é a filha do amor incomparável, a pomba única, o cônjuge impecável. Todos os santos e anjos são comparados às estrelas, mas ela é tão bela quanto a lua e se destaca dos santos como o sol se destaca das estrelas. A caridade desta Mãe amorosa é mais perfeita do que a de todos os santos do céu.

NONO POEMA

DÉCIMO POEMA

Quem pode ler Ct 8,1? Vamos ver o que São Atanásio tem a dizer: Muitos oraram pela vinda de nosso Senhor e Salvador, até mesmo o cônjuge no Cântico de Salomão, dizendo: "Oh, que você era como um irmão para mim". O significado da oração é: "Oh se você fosse como homem e assumisse a natureza humana para nosso bem". E quem se faz homem para o nosso bem, para a nossa Salvação?

Mandrágora exalando perfume - servia para excitar o amor e produzir a fecundidade.

EPÍLOGO

APÊNDICES

“Pois o amor é forte, é como a morte, o ciúme é inflexível como o Xeol.”

Alusão ao matrimônio

— FIM DO LIVRO DO CÂNTICO DOS CÂNTICOS —